7

PARQUE

6

CENTRO

P A R Q U E & C E N T R O

BOLETIM MENSAL DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E RECREIO
PUBLICAÇÃO DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO

A N O II — S E T E M B R O — 1970

Í N D I C E

pág.

É preciso **sempre amparar** a criança amedrontada ... 1
ROTEIRO — Consultório Médico-Psico-Pedagógico .. 2
Carta a meu pai 7
Como desenvolver o pensamento crítico na criança .. 8
MENINAS — As que são difíceis 16
C I V I S M O 20

N O T I C I Á R I O

1 - Que daremos à nossa Pátria?..... 22
2 - Semana da Pátria 23
3 - Dia da Imprensa 24
4 - Encerramento de Cursos 25
5 - Homenagem de despedida 26
6 - Aniversariantes de outubro 27

****
*****
***

É PRECISO SEMPRE AMPARAR A CRIANÇA AMEDRONTADA

Dr. Isaac Melnik
Chefe do Serviço de Higiene Mental do SESI.

A criança amedrontada é um ser indefeso, que se volta para o adulto em busca de confôrto e segurança, de apoio e carinho. Nunca devemos ironizar ou humilhar a criança, rindo-nos dela ou simplesmente não lhe dar atenção, ainda ralhando ou chamando a sua atenção.

Devemos empre recebê-la com carinho e bondade, dando-lhe o apoio moral de que necessita em sua angústia, no terror mortal que a assalta.

O medo na criança escolar merece um pouco mais de atenção.

O fator principal do medo na escola é a personalidade do professor.

O professor rude, autoritário e prepotente pode inspirar medo à criança, ainda que essa atitude tenha sido adotada por fôrça de hábitó ou como método disciplinar.

A criança amedrontada recusar-se-á terminantemente a voltar à escola.

No mesmo caso está o professor que sem ser rude ou autoritário, é sarcástico, irônico ou neurótico. Há professôres que sentem satisfação em castigar ou perseguir determinados alunos.

Além disso, a criança pode receiar a situação nova, a própria escola, os colegas, as pessoas estranhas, o professor novo, fatôres todos êsses aos quais a criança não está habituada.

Outro fator muito comum do medo à escola consiste no receio de falhar, de ser reprovada ou de perder prestígio aos olhos dos outros, colegas ou professôres.

E ainda há professôres que costumam brincar, assustando as crianças, de que as mesmas não passaram, não tiveram pontos, etc... Soubessem tais mestres as angústias geradas no espírito das crianças que realmente os levam a sério, e ficariam consternadas com os graves danos psicológicos causados por "êsses métodos psicopedagógicos" empregados.

A atitude do professor concorre grandemente para que a criança não sinta medo da escola nem dos colegas, quando essa atitude inspira confiança pela bondade, carinho e inteligência que

o professor demonstra em lidar com a criança recém-vinda.

Reafirmar à criança o valor da própria personalidade, oferecer-lhe a oportunidade de realização e satisfação de seu orgulho, ajudá-la a integrar-se no grupo, realçando as qualidades que possui, são algumas das medidas que o professor interessado pode adotar em benefício da criança.

Não deve o professor, por outro lado, esquecer-se de que muitos medos infantis na escola são devidos à preocupações trazidas de casa, provocadas pelo ambiente doméstico em que vive a criança.

Muitas e muitas vêzes a criança leva à escola o medo que sente dos pais, de uma censura por nota baixa, de uma observação na caderneta escolar, por não ter feito uma tarefa, etc... Essas atitudes da criança devem ser observadas com bondade e interêsse pelo professor, que procurará chegar aos problemas individuais da criança e esclarecer sua motivação.

****
***
*

R O T E I R O

CONSULTÓRIO MÉDICO-PSICO-PEDAGÓGICO

(Orientação aos pais e responsáveis pela criança retardada)

Dr. Geraldo Squilassi (m. psiquiatra)
Margarida L. Vieira Cunha (psiçologista)
Jay Arruda Piza (orient. pedagogica)

1) Como agir com uma criança emotiva ou hiperemotiva?

A emotividade é um grande recurso da pessoa nervosa, constituindo uma válvula para descarregar sua sensibilidade, preguiça ou atividade, seu entusiasmo, etc.

A hiperemotividade consiste em a criança ser muito sensível e por isso reagir exageradamente às atitudes das pessoas que a cercam. A hiperemotividade pode originár-se do conflito entre a vontade e a emotividade. Êsse sintoma evidencia que a criança, sentindo-se insegura, sente-se fàcilmente rejeitada. Ela pode aparecer na forma de chôro, excitação ou nervosismo e irritabilidade. Enfrenta-se êste problema por meio da educação, de tratamento médico ou mudando a criança de ambiente, oferecendo a ela uma rotina diferente, com ta

refas construtivas e atividades que a valorizem, destacando-a e firmando mais a sua personalidade. O ambiente deve ser edificado em alicerce firme, com conversação, companheirismo, amor, confiança em seus familiares para que haja contrôle emociaonal. Devem ser suprimidas a super-proteção e a inquietação dos pais com crises de sensibilidade e a circulação do assunto frente à criança evitando que mais tarde ela tenha atitudes inseguras.

2) Como pode o professor ajudar a criança tímida?

A timidez indica na criança uma falta de segurança, um sentimento de que não é estimada ou desejada, um estado de confusão produzido por um senso de incapacidade para realizar que é o esperado dela.

São sintomas que consistem na manifestação de um desinteresse ou afastamento emocional por parte da criança pelo que se passa a seu redor.

Uma atitude hábil e compreensiva do professor pode:

— conquistar a confiança da criança conseguindo transmitir-lhe afetividade positiva e segurança emocional;

— conceder a criança pequenas tarefas de responsabilidades;

— oferecer-lhe oportunidades de sobressair naquilo que é capaz de fazer melhor (bandinha, trabalhos manuais, canto, etc.);

— conceder atenção especial a criança, fazendo-a compreender de sua capacidade para realizar tarefas, cercando-a de estímulo, valorização e

— não chamar sua atenção sôbre o problema;

— colocá-la ao lado do professor e naturalmente dar recados, buscar objetos, distribuir cadernos, atender telefones, ir a festinhas, participar de bailes ou bailados, bandinha, etc.

A criança tímida uma vez realizando alguma coisa que a valorize perante a pessoa que estima, desenvolve nela um sentimento de auto-confiança e de estímulo para progredir.

3) Como deve ser a autoridade dos pais junto à criança retardada?

Desde que uma criança comece a reagir naturalmente ante os fatores exteriores, começando a aplicar seus sentidos, a conhecer seus pais e seus familiares, devem os superiores concorrer para estimular o sentimento de respeito, autoridade e disciplina em seu ambiente.

Para isto é preciso que as ordens dadas sejam claras e à altura da compreensão e possibilidade da criança. Não podendo ter idéia concreta do que lhe foi solicitado a criança fica desorientada e se irrita.

As ordens devem ser simples, bem explicadas e dadas em tom suave e firme, É preciso ser coerente nas atitudes, evitando favoritismo, abandono das ordens ou choques com outras pessoas que queiram interferir juntamente à autoridade, o que é errado. Devemos saber utilizar a nossa autoridade de uma forma positiva, bondosa, construtiva, porém enérgica e firme, impressionando a criança, pela segurança de nossas palavras. As atitudes delicadas contribuem para a formação de boas maneiras. Devemos pedir e não ordenar: Ex: Você pode por favor abrir aquela porta? Muito obrigada, você ajudou-me bastante. Não ordenar prometendo ou ameaçando, o que ensinará a criança a exigir e a responder mal criadamente.

A autoridade dos superiores depende muito da sua personalidade e dos seus princípios de educação. Quanto mais autoritário, exaltado e agressivo, tanto maior provàvelmente a sua insegurança íntima e a sua indelicadeza, transmitindo à criança oportunidades de desenvolver seus princípios de educação de forma errada, com rebeldia acentuada, atitudes negativas e vocabulário impróprio.

4) Quais os brinquedos ou jogos mais aplicados às crianças com I. M. de 2 a 3 anos?

Nesta fase a criança está na idade de ver, apalpar, ouvir, saborear. Ela precisa de brinquedos inquebráveis que sirvam para os olhos, para o tato, para o paladar, para o ouvido ou que sejam agradáveis à vista, de côres alegres e vivas, que sejam de fácil manejo e com os quais ela possa brincar sem a menor preocupação da criança e dos responsáveis por ela. Seriam brinquedos de borracha, de plástico, de madeira leve tais como: argolas e pinos, encaixes de formas coloridas, de tamanhos decrescentes em pinos; encaixes de duas a três partes formando desenhos sugestivos, cubos regulares, ou massa de modelagem; formas geométricas em parafusos de rôscas; pintura a guache, recorte a dedo; rasgar papel, dobrar papel, lápis cêra de côr, bonecas de pano ou plásticas, que chorem, bolas coloridas de borracha, objetos que façam barulho, caixas ou latas com tampas, tubos de encaixe e plastilina, etc..

Até os dois anos, as crianças brincam sòzinhas e os brinquedos devem ser simples e inofensivos. O essencial nesta idade é conservar a criança ocupada, diminuindo sua instabilidade e despertando os seus sentidos e consequentemente sua atenção e seu interêsse pelo brinquedo que mais tarde, dos três anos em diante, será manuseado com

outra compreensão, pois nesta idade a criança começará a brincar em grupos e a adaptar-se à coletividade, começando a ter seus amiguinhos. O brinquedo deve fazer parte da infância, pois êle promove o crescimento físico, social, mental e emocional, constituindo uma forma de expressão, de interêsse e de prazer quando ainda lhe seja precária a linguagem falada.

5) Qual a diferença entre foniátra, fonoaudióloga cu ortofonista?

A matéria a ser estudada sôbre problemas da fala, é FONIATRIA. — FONIÁTRA é o médico Otorino que fêz o curso de Foniatria.

FONOAUDIÓLOGA ou ORTOFONISTA, é a designação dada a pessoa que fêz o referido curso sem ser portadora do diploma de médico. No momento temos em funcionamento dois cursos: um no Hospital das Clínicas e outra na Faculdade Católica, ambos com a duração de dois anos intensivos.

6) Quais as classificações foniátricas atuais?

Temos: — DISLALIA, TARTAMUDEZ ou GAGUEIRA, DISARTRIA, DISFONIA, AFASIA, DISLEXIA, RINOLALIA, TAQUIFEMIA, MUTISMO ou CRIANÇA NÃO VERBAL. Lidamos também com pacientes operados da laringe ou LARIG CTOMIZADOS.

7) Como auxiliar uma criança no campo da foniatria, quando ela apresenta a troca de consoantes?

Essa criança pode ser portadora de uma dislalia ou - dislexia. Para cada caso o trabalho teria uma especialização, uma vez que são problemas diferentes. O treinamento dos sons e isolado. Sendo uma dislalia simples, do R, por exemplo, deve-se fazer vibrar a ponta da língua atrás dos dentes, imitando o barulho do motor do carro. O "S", mandamos a criança colocar o dedo na boca e pedir silêncio (sss!). O "Z" imita a abelha e outros exercícios.

8) Que é audiometria e quando se aplica?

Um exame audiométrico mede a capacidade auditiva da pessoa, e devemos recomendá-lo sempre que tivermos dúvida sôbre êste setor. Muitas vêzes uma criança não fala por ser surda, ou vai mal na escola porque é portadora de uma deficiência auditiva que a incapacita de ouvir as explicações da mestra. No campo da surdez, temos uma grande escala de classificações.

9) A rubéola é a causa do mongolismo?

Não. Os estudos mais recentes provam que a incidência de rubéola numa gestante e o nascimento de uma criança mongolóide são apenas coincidências. Ambos os assuntos, mongolismo e infecção pela rubéola, serão apresentados em próximos números desta publicação.

10) Que é terapia ocupacional?

Terapia ocupacional é uma atividade reabilitadora realizada junto a uma equipe médica-psico-pedagógica e desempenhada por terapêutas ocupacionais portadores de diploma de especialização.

Ela desenvolve as atividades manuais, sociais, pré-vocacionais e industriais recreativas, reeducativas, educativas, procurando provocar no doente ou no deficiente uma resposta física ou mental desejada, ou ambas associadamente.

11) Quando deverá ser aplicada a terapia ocupacional?

Ela deverá ser aplicada logo que o médico encaminhe a paciente para fins de tratamento ou quando se perceba alguma anormalidade no desenvolvimento psico-físico ou mental e até mesmo no desenvolvimento social.

EX.: - M O D E L A G E M

Como a criança não tem iniciativa própria, devemos começar como treino manual:- fazer bolinhas, cobras e depois associá-las formando um homem. Partindo das etapas simples às mais complexas e já construtivas, do individual ao coletivo, do maior ao menor, dos dedos ao lápis grosso cêra, lápis cêra comum fino, ao papel do maior ao menor, do recorte de dedos à tesoura e etc.

****
*****
***
*

C A R T A A M E U P A I

(cont. da Ed. Sonia de Cicco Julião)
P.I. Hospital das Clínicas

Permita querido pai, que eu lhe diga alguma coisa sô bre a maneira de exercer sua autoridade de pai.

Exerça êsse direito que ninguém pode e nem deve tirar-lhe. Mas exerça-o perto de mim; não à distância como você muitas vêzes faz, usando o telefone de seu escritório. Exerça sua autoridade, meu pai, aqui em casa. Quero ver você. Preciso sentir você. Sou criança. Sou pequeno. Sou frágil. Por isso tudo, meu pai, tenho absoluta necessidade de sentir que você é grande, que você tem valor. Será mais fácil para mim aceitá-lo como orientador. Redicularizamos tanto pais, como educadores fracos. Fracos na estrutura moral, fracos no caráter, fracos na ausência de atitudes.

Ter autoridade é ser firme.
Ter autoridade é ter amor.
Ter autoridade é ser exemplo.

Não confunda, meu pai, o equilíbrio e a serenidade da verdadeira autoridade com a incoerência, o espalhafato, a insegu - rança, a fraqueza e a grosseria do autoritário.

Autoridade bem dirigida é patrimônio de um pai equilibrado
O autoritário é um pai de conteúdo emocional falido.
Ser autoritário é ser fraco. Ter autoridade é dever.

Meu pai, não deixe nunca de exercer êsse direito de orientar, mas por favor, não viva entricheirado como se estivesse sempre atacado pelos jovens.

Sei muito bem, que a criança vive a experimentar o pai. Provoco voce a todo instante. Quero sentir sua fôrça! Não esmoreça, não se desespere! Eu estou no meu papel de criança: eu provoco. Você mantenha o seu equilíbrio. Seja dócil: lembre-se que todo tirano mais cedo ou mais tarde desmorona. Largue tudo aquilo com que você fere meu corpo e demonstra sua fraqueza. Pobre pai que é capaz de persuadir uma criança pelo raciocínio e a desfaz com a agressão física!

Não creia meu pai, que estejam certos aquêles que se dizem gratos a seus pais pelos castigos que lhe infrigiram quando crianças.

As marcas em seu corpo saíram, mas creia, a ferida existe em suas almas. Eduque-me com amor e paciência. Com disciplina, mas sem excessos. Eduque-me, querido pai, com um sentimento que lhe peço de coração: Respeito!

Respeite-me, meu pai, como um indivíduo.
Queira-me como eu realmente sou e não como você gostaria que eu fôsse.
Eu preciso ser alguém. Não alguém em você. Mas alguém perto de você.
Seu filho será um homem.

Santos Pedro Tanganelli

****
*****
***
*

COMO DESENVOLVER

O P E N S A M E N T O C R Í T I C O N A C R I A N Ç A

Uma das obrigações fundamentais da educação em uma democracia é procurar desenvolver em cada indivíduo daquela sociedade, a habilidade de solucionar problemas e pensar de modo crítico. O sucesso de uma democracia depende em grande parte da habilidade de seus cidadãos em usar uma inteligência para solucionar os problemas que surgem em sua vida.

O desenvolvimento da habilidade do pensamento crítico pode ser iniciado de modo eficiente, em nossas escolas primárias, - quando os professôres reconhecem que os "como" e "por que" das crianças podem proporcionar ricas experiências em vários aspectos da solução de problemas.

A ciência, com suas múltiplas oportunidades para o uso da experimentação , investigação, verificação de informações, oferece rica oportunidade para professôres e alunos usarem o pensamento - crítico. É necessário, porém, que haja liberdade para discussão, levantamento de questões, consultas e boas fontes de informações, trabalhos

de experimentação, a fim de se formar no aluno habilidade de pensamento crítico, pois é muito mais importante o modo como a criança pensa, do que a aprendizagem pròpriamente dita.

Para melhor compreensão dos valores do pensamento crítico e do que se acha envolvido em cada uma de suas diferentes etapas, as mesmas serão discutidas e documentadas com exemplos concretos, proporcionando aos professôres uma visão geral dêsse importante processo de atacar e solucionar problemas.

1ª E T A P A

CURIOSIDADE — DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A criança possui tendência natural para investigar, está sempre indagando sôbre tudo que a cerca e sua curiosidade não tem limites. Observando uma aula de linguagem oral em uma escola primária, podemos sentir o interêsse da criança por astronomia, eletricidade, aviação, plantas, animais, através de suas inúmeras questões. Ela deseja saber porque o avião permanece no ar, porque não vemos as estrêlas durante o dia, como as plantas se alimentam, etc. Essas coisas e muitas outras questões levantadas pela criança vêm provar que ela está tentando conhecer seu meio ambiente e essa curiosidade natural representa uma característica importante do pensamento crítico.

O professor pode e deve encaminhar essa curiosidade natural da criança para processos mais elevados do pensamento, encorajando-a a buscar a solução para seus próprios problemas.

A organização de uma simples questão ou série de questões relacionadas pode, muitas vêzes, apresentar rica oportunidade para o uso do pensamento crítico, se a criança sentir que o problema é importante e precisa ser solucionado.

Antes, porém, de encaminhar a criança à solução de um problema, seguindo a técnica do pensamento crítico, o professor deverá se certificar:

a) Se o problema sugerido é interessante e está ao alcance da compreensão infantil.

b) Se há fontes de informações necessárias à solução do problema.

c) Se existe a possibilidade da criança obter uma conclusão satisfatória para o problema, conclusão essa que deve ter aplicação direta às suas atividades diárias.

Muitas vêzes a criança apresenta um problema interessante, que ela gostaria de solucionar, mas nem sempre suas idéias estão bem organizadas. Através de uma discussão bem orientada pelo professor, com participação ativa dos demais da classe, o problema poderá ser organizado e definido em têrmos claros, ao alcance da compreensão de todos.

2ª E T A P A

AQUISIÇÃO DE INFORMAÇÕES

APRESENTAÇÃO DE HIPÓTESES

Logo que o problema é definido, a etapa seguinte é como solucioná-lo e a criança deverá participar ativamente dessa importante fase.

Aqui o professor deverá salientar para a criança a necessidade de localizar, colecionar as informações necessárias a solução do problema. A atenção poderá ser dirigida através de fatos conhecidos, os quais servirão de ponto de partida para novos conhecimentos.

Através de uma discussão em grupo, o professor poderá auxiliar a criança a determinar:

a) - O que ela já sabe sôbre o problema;
b) - Fontes de informações necessárias à solução do mesmo.
c) - Hipóteses ou possíveis respostas certas para o problema.

A criança poderá colhêr informações valiosas através da observação, experimentação, consulta a bons livros, dependendo do problema em questão. Algumas vêzes uma excursão auxilia na solução de um problema, pois oferece ricas oportunidades para a observação, - discussão e aquisição de novas informações. Mas as informações obtidas em diferentes fontes deverão ser sempre comparadas com opiniões de autoridades no assunto, cientistas, que realizaram trabalhos de real valor nesse campo. Portanto, a leitura de bons livros de informações representa importante papel na solução de problemas.

Em relação às hipóteses, o professor deverá levar a criança a compreender sua importância na solução do problema. A criança precisa saber que uma hipótese não é mera adivinhação, é muito mais do que isso, e só deve ser apresentada depois de cuidadoso estudo das informações obtidas.

3ª E T A P A

V E R I F I C A Ç Ã O DAS H I P Ó T E S E S

Antes de obter uma conclusão para o problema, é indispensável que a criança realize um trabalho de verificação das hipóteses apresentadas. Essa etapa do pensamento crítico é muito importante, pois envolve várias habilidades, tais como a de comparar, observar, experimentar, colhêr informações, e a criança precisa estar preparada para reconsiderar e, muitas vêzes, modificar julgamentos anteriores.

4ª E T A P A

DEFINIÇÃO

APLICAÇÃO DA CONCLUSÃO

Quando a criança já colecionou as informações necessárias à solução do problema e as mesmas foram devidamente avaliadas, é tempo de tentar obter uma conclusão final para o mesmo.

O professor poderá encorajar a criança a descrever os passos seguidos por seu pensamento durante o desenrolar dêsse trabalho, e as modificações operadas no mesmo, mediante novas informações obtidas. Essa espécie de relatório apresentado pela criança poderá motivar discussões interessantes sôbre os trabalhos já realizados, auxiliando-a a obter uma solução para seu problema.

É de grande importância para a criança a aplicação da conclusão do problema em situações reais de sua vida e ela poderá realizar vários trabalhos interessantes nesse sentido, orientada pela professôra.

E X E M P L I F I C A Ç Ã O

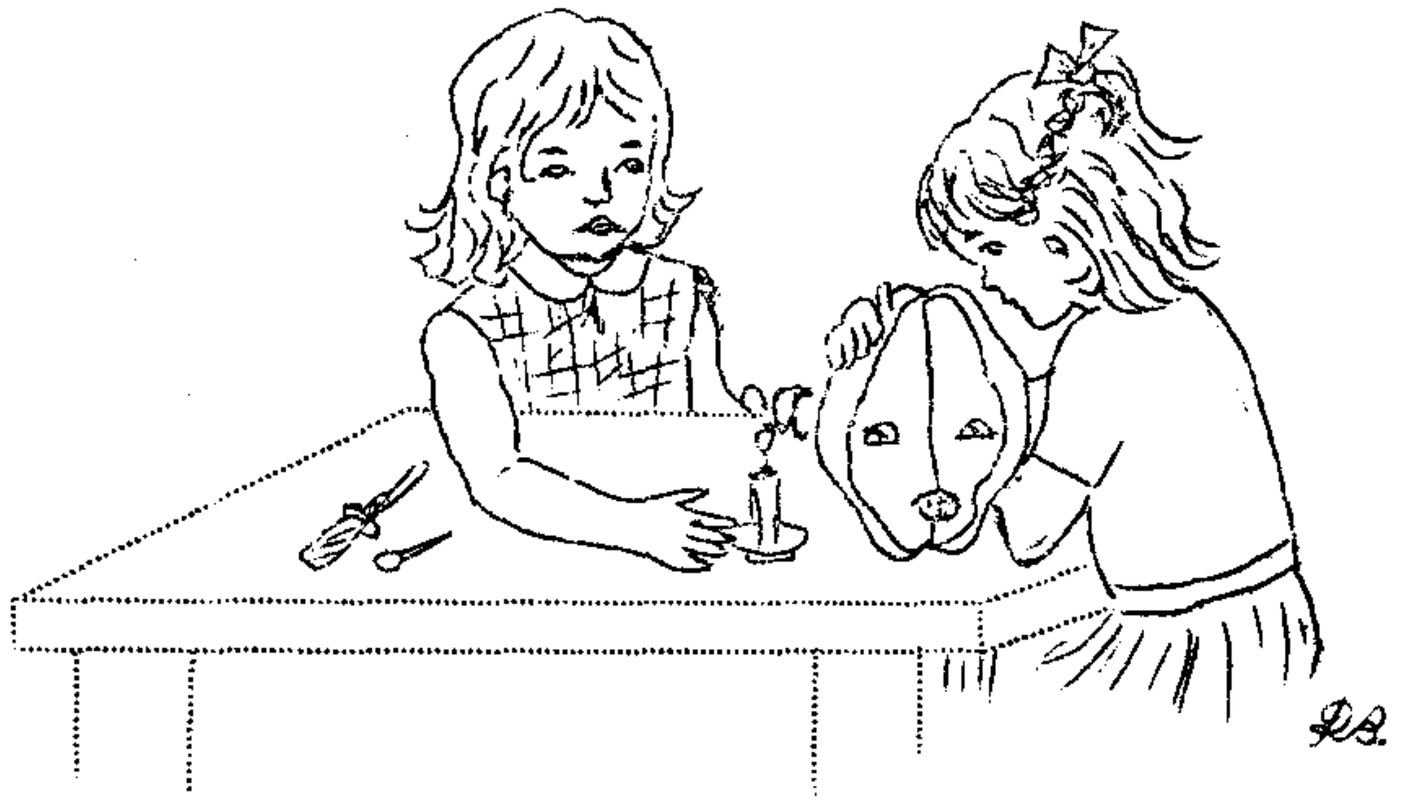
O exemplo seguinte servirá para ilustrar a aplicação técnica do pensamento crítico por crianças da escola primária, sob orientação da professôra.

1ª Etapa

Curiosidade

Definição do problema

PROBLEMA
Por que a chama da vela não permaneceu acesa por muito tempo, quando foi colocada dentro do mamão?



Os alunos de D. Lucy, da 4ª série primária, estavam se preparando com grande entusiasmo para mais uma apresentação de seu teatrinho de sombras. De acôrdo com sugestões apresentadas por um colega que mora num sítio, resolveram fazer uma espécie de cavalra de mamão, verde, para representar determinado personagem.

Os meninos fizeram aberturas muito pequenas para os olhos e a boca e colocaram uma vela acesa dentro do mamão. Êles notaram, porém, com grande desapontamento, que a chama da vela não brilhava agora com intensidade e só permanecia acesa durante poucos minutos. Anteriormente, os meninos já haviam observado que a chama da vela permanecera acesa e brilhante até que o mamão fôra colocado sôbre a mesma.

Alí havia qualquer coisa estranha e os meninos sentiram uma grande curiosidade pelo problema que acabava de surgir.

Começaram então a discutir sôbre as possíveis causas do fato que haviam observado e diferentes idéias surgiram. D. Lucy tomou parte na discussão, ajudando seus alunos a organizarem suas idéias e, dêsse modo, o problema foi resolvido da seguinte maneira:

Por que a chama da vela não permaneceu acesa por muito tempo, quando foi colocada dentro do mamão?

2ª Etapa

Aquisição de informações
Apresentação de hipóteses

Os alunos de D. Lucy haviam compreendido claramente o problema e resolveram planejar como resolvê-lo. Êles trabalharam ativamente e através de leituras, observações, experimentações, conseguiram valiosas informações que os levaram a formular as seguintes hipóteses, ou possíveis respostas para o problema:

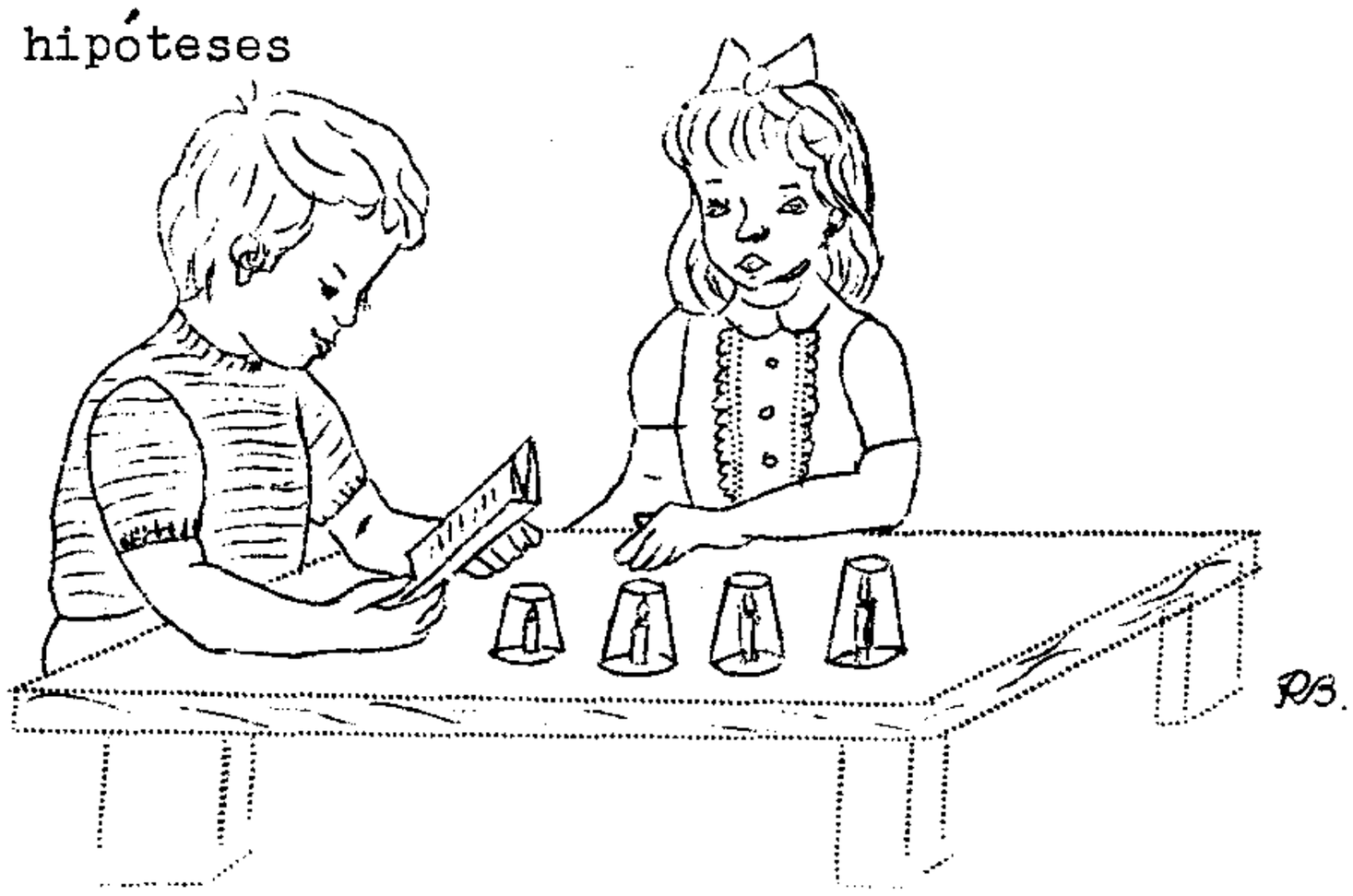
a) A vela ficou acesa enquanto houver ar dentro do mamão.

b) A vela permaneceu acesa até que o ar se tornou muito quente.

c) Os buracos feitos no mamão para os olhos e boca ficaram muito pequenos, entrando portanto pouco ar no interior do mamão.

3ª Etapa

Verificação das hipóteses



A fim de verificar se as hipóteses formuladas eram verdadeiras, apresentando portanto uma solução satisfatória para o problema original, os alunos compararam as informações já obtidas, colheram outras e realizaram os seguintes trabalhos de experimentação, anotando cuidadosamente os resultados obtidos.

a) Os alunos de D. Lucy colocaram quatro velas iguais sob copos de diferentes tamanhos, observando por quanto tempo cada vela permaneceu acesa.

RESULTADO:- A vela colocada sob o copo menor permaneceu acesa por pouco tempo. Já a vela colocada debaixo do copo maior, foi a última a apagar.

b) Os meninos acenderam uma vela e a colocaram em lugares que apresentavam temperaturas diversas.

RESULTADO:- A vela permaneceu acesa tanto em contato com o ar frio como com o ar aquecido.

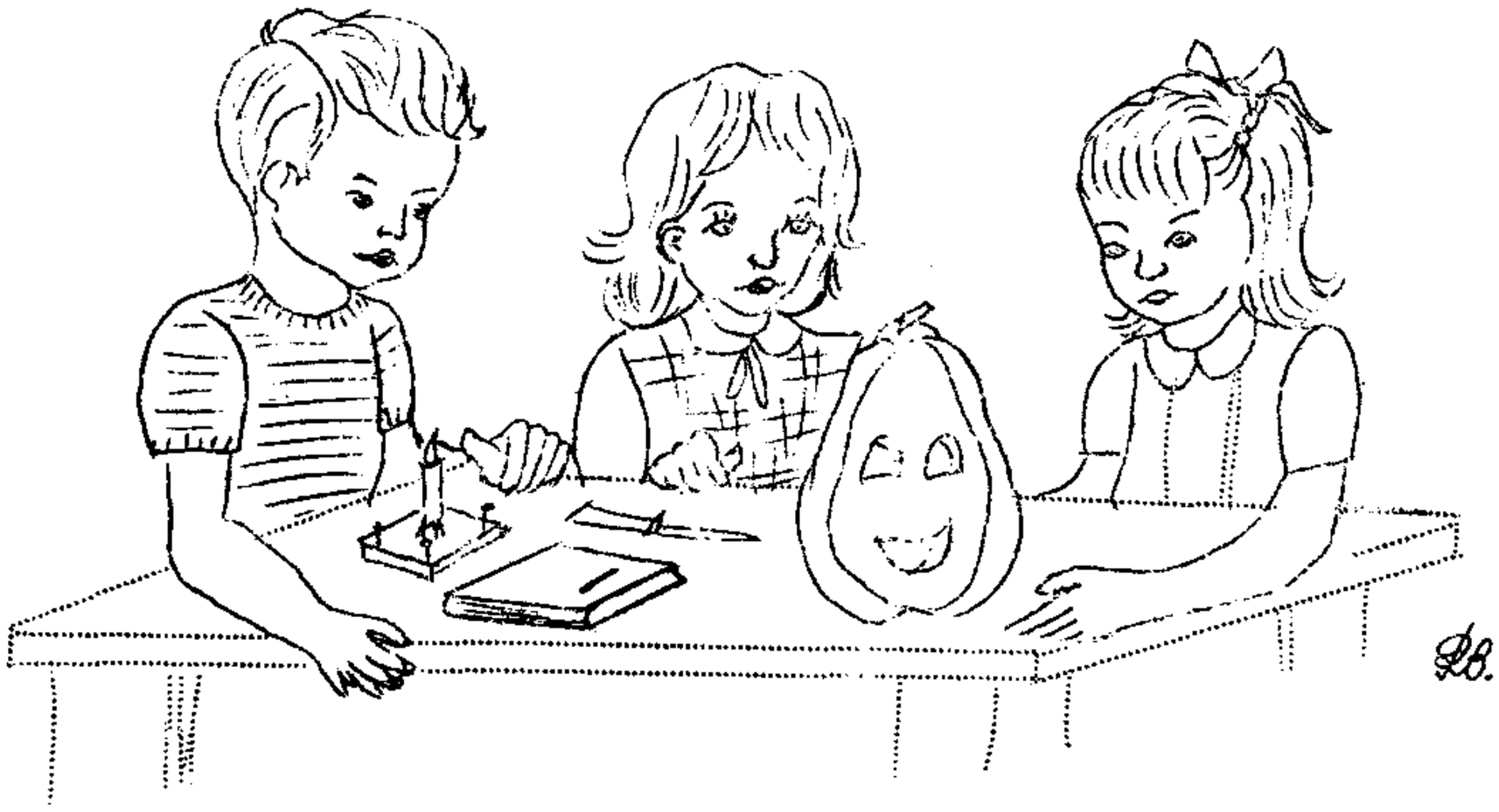
c) Os alunos abriram bem mais a abertura dos olhos e da boca do mamão e em seguida colocaram uma vela acesa dentro do mesmo.

RESULTADO:- A chama da vela permaneceu acesa e brilhante, - não apagando mais a curtos intervalos, como a princípio.

4ª Etapa

Definição

Aplicação da conclusão



Os alunos de D. Lucy já haviam atingido a fase final do processo do pensamento crítico. Agora, analisando e comparando as infor-

mações obtidas através de diferentes fontes e os resultados das experimentações, as crianças os submetem à última fase.

Verificando os resultados da experimentação, b, os meninos chegaram à conclusão de que não apresentavam uma solução satisfatória para seu problema.

Já os resultados das experimentações a e c foram aceitos como possíveis conclusões certas.

Considerando pois os resultados dessas experimentações, observações e leituras feitas anteriormente, os alunos chegaram à conpreensão de que o oxigênio do ar é indispensável à combustão.

Baseado nesta definição recentemente formulada, de que o oxigênio do ar é indispensável à combustão, os alunos de D. Lucy aplicaram êsse princípio em diferentes situações, tais como:

a) Construiram um fogareiro simples, de lata, para os futuros trabalhos de experimentação, deixando espaço suficiente para ventilação.

b) Orientados por um soldado do corpo de bombeiros, fizeram experimentações interessantes, relacionadas à extinsão de incêndios.

c) Fizeram desenhos representando fogões a gas e a lenha, lampeões, fogareiros a álcool, etc.

C O N C L U S Ã O

Através do que já foi discutido e exemplificado, pode-se constatar que uma das principais responsabilidades do professor primário, é orientar e estimular seus alunos a usar o pensamento crítico, não sòmente ao estudar ciências, mas em tôdas as situações problemáticas de sua vida. Isso significa que os elementos do pensamento crítico devem ser largamente usados na educação, não como algo aplicado pelo professor, mas sim usado naturalmente pelo aluno, em seu processo de aprendizagem.

O professor não deve desanimar, se seus alunos não apresentarem rápido progresso ao iniciarem os uso da técnica do pensamento crítico, pois a mesma exige muitas habilidades que não são formadas de um dia para outro. Porém só o fato da criança conhecer essa técnica poderá ser motivação, levando-a a experimentar isso ou aquilo, para ver os resultados, concluir por si mesma e através de tais experiências, ela se tornará apta a contribuir, eficazmente, para o progresso de nossa democracia.

M E N I N A S

AS QUE SÃO DIFÍCEIS

MARIA LUIZA DE VASCONCELLOS
"In Bandeirantes" nº 2

Todos os psicólogos e médicos são unânimes em considerar que há uma influência da família sôbre o comportamento da criança ou do adolescente.

Vários fatôres podem criar "tensão" entre pais e filhos, como veremos adiante.

Para analisar êsses fatôres é necessário considerar antes algumas características fundamentais da família, no seu aspecto educativo.

Os elementos que compõem a família representam pontos essenciais no desenvolvimento da criança:

Mãe — AMOR
Pai — AUTORIDADE
Irmãos — COMPETIÇÃO
Lar — SOLIDARIEDADE

Qaundo algum dêsses elementos falha na sua função ou deixa de existir, rompe-se a harmonia familiar.

A família forma grupos dentro de si: conjugal (relações, atitudes dos pais entre si), fraternal (relações dos irmãos com suas lutas naturais), educativo (ação dos pais com os filhos). As boas relações dos pais entre si, o apoio de um à ação do outro, são necessários ao desenvolvimento normal da criança.

Há casos de agrupamentos prejudiciais(patológicos) como mãe e filho x pai e filha; pais autoritários x filhos medrosos, etc.

O que une verdadeiramente a família não é o mesmo sangue, nem mesmo a vida em comum, é o AMOR, e amor é COMPREENSÃO. A compreensão, disse um educador, é a ponte entre as gerações.

A adolescente precisa contar com êsse amor compreensivo por parte dos pais para que sua afetividade se desenvolva normalmente. Quando isso não ocorre, geralmente, registra-se uma atitude negativa por parte da menina, descarregando no grupo as suas dificuldades, seja sob a forma de agressividade, negativismo, exibicionismo, etc.

Compreensão é uma forma de afetividade. As rela-

ções afetivas de pais e filhos são elemeńtos básicos para a segurança que a criança precisa sentir. Nada perturba mais o desenvolvimento - normal afetivo, fator preponderante na formação do caráter e da personalidade, do que a insegurança das relações dos pais. A menina que não sabe como seus pais receberão tal ou qual situação pode ser levada a mentir por defesa própria. E a mentira dará um sentimento de culpabilidade. Êsse sentimento por sua vez vai gerar a ansiedade, perturbando seu comportamento escolar (má aplicação, indisciplina, etc.) como social (má socialização, inadaptabilidade ao grupo, etc.). Por sua vez êsses reflexos aumentam a tensão, em casa, agravando-se a incompreensão.

É preciso aceitar a criança e o adolescente com sua natureza, conhecer seus interêsses para poder ajudá-la no seu desenvolvimento harmonioso. Tudo isso depende, fundamentalmente, do amor, da afetividade, da compreensão com que ela é tratada.

A autoridade absoluta é uma concepção muito comum entre os pais, mais muito prejudicial à menina porque não permite que ela desenvolva normalmente o sentido de "libertação" da família. É preciso considerar que a evolução natural da pessoa é no sentido de torná-la independente, adulta, logo julgar e agir por si. Isso se processa através de uma liberdade progressiva que os pais precisam reconhecer e aceitar.

Hoje em dia, há uma tendência a um certo relaxamento de autoridade, em contraste com a autoridade absoluta de certas famílias., Mas, não há dúvida, que a autoridade é necessária; as próprias crianças sentem necessidade disso e a falta dela é considerada muito mais como desinterêsse ou rejeição do que liberdade.

A autoridade deve ser moderada e justa. É comum também se encontrar pais perfeccionistas; exigem muito dos filhos, mais do que êles podem dar ou fazer. Exigência de notas na escola, sem procurar saber porque o aproveitamento não é normal; exigência de classificação, quano o que importa é o progresso pessoal da menina. Muitos pais se envaidecem apenas com as notas obtidas pelos filhos, não dando valor ao aproveitamento real adquirido no ensino. Na idade de Fadas podemos citar, como exemplo corriqueiro, exigir que a criança fique quieta. Ora, nessa idade, em que não há ainda contrôle motor, é impossível querer que a menina se mantenha sossegada. Ela tem necessidade de movimentar-se. Na idade bandeirante pode-se lembrar, também como exigência comum, que a menina fique em casa ou saia com os pais. É a fase de "libertação" quando o grupo torna-se mais interes-

sante e importante do que a família para divertimentos.

Êsses exemplos citados são típicos e característicos de exigências da família.

Sendo o meio familiar o mais importante na criança , é necessário que os pais se convençam da importância de uma preparação permanente para as etapas sucessivas da educação. Educar é uma ação permanente.

Aqui poderíamos sugerir às chefes que, nas reuniões de pais (preparação de acampamentos ou outra oportunidade projetada), procurassem despertar o interêsse por leituras de formação. Motivar o desejo de ler, organizando uma pequena exposição de livros educativos; literatura boa, de fácil leitura, atraente. Êsses livros poderiam ser emprestados àqueles que desejassem levar para ler. Nada de sugestão direta, apenas "deixar à mão" os livros.

Dessa exposição resumida dos principais aspectos e atitudes da vida familiar, tiramos a conclusão que é fundamental para compreender a atitude da menina, conhecer suas relações familiares. COMO?

De início queremos ressaltar quo o Bandeirantismo é educação e não terapia. Isso quer dizer que os "casos difíceis" se restringem a comportamentos e não perturbações de caráter ou desvios de personalidade.

Êsses já são da alçada do médico e não de simples educadoras.

Uma observação atenta, um interêsse real, podem revelar situações familiares, por exemplo: os pais não permitem que a menina acampe, pode ser uma forma de protecionismo excessivo; evitar riscos leva ao mêdo da vida, à covardia.

As meninas muito mimadas, criadas com excesso de carinho, muito protegidas, em geral são filhas únicas, habituadas a receber tudo. Falta-lhes a rivalidade, a luta natural com os irmãos; a atitude dos pais e a falta dos irmãos não permitem que aprendam a verdadeira amizade que é uma troca: dar e receber.

Há casos de preferências dos pais por certos filhos ocasionando sentimento de inferioridade, rivalidade, choques afetivos naqueles que não são preferidos. É o que ocorre com filhos cuja diferença de idade é grande, cinco anos ou mais. O mais velho sente-se destronado e desenvolve ciúmes do irmão. Tôdas essas situações e outras que possam ocorrer merecem, por parte da chefe, uma observação especial.

Quando uma bandeirante apresentar comportamento fora do comum, a chefe deve, antes de tudo, procurar conversar com ela. Conversa simples, natural, despretensiosa, captar sua confiança e amizade. Interessar-se por sua vida fora da companhia, seus estudos, sua família.

Havendo oportunidade, e a chefe ir à casa da menina conhecer os pais, conversar com a mãe. Se for oportuno informar a mãe da atitude da menina na companhia, pedir sua opinião, perguntar sôbre suas reações em casa. Convém sempre que a chefe procure saber com os pais o motivo da oposição à vida da menina na companhia e tente convencê-los do valor das atividades com o grupo. Isso exige da chefe algumas virtudes: prudência, maturidade, contrôle, sentido social, experiência. Mas, dirão voces, as chefes são tão jovens que, com raras exceções, não terão essas qualidades ainda. Que fazer então? A resposta é simples: procurar a Chefe de Distrito, uma conselheira, uma educadora amiga, mesmo fora do bandeirantismo; pedir conselho, orientar-se ou então convidá-la para visitar a família com a chefe.

Mesmo que haja deficiências no meio familiar, há sempre possibilidade de correção de falhas, seja por parte dos próprios pais ou por melhor compreensão no meio escolar ou social. A menina inadaptada precisa mais de compreensão, conselho, ajuda, do que de censuras, ameaças, sanções.

A chefe precisa manter com a bandeirante um diálogo, sempre que esta a procure. Nunca demonstrar que não tem tempo, que não tem interêsse. A indiferença é tão censurável quanto a severidade.

Uma chefe deve ser disponível, estar pronta a ouvir, ser capaz de esquecer-se para "ver" o outro. Ouvir é deixar de lado os seus problemas para concentrar-se no dos outros, é colocar-se "na pele" do outro para ver com seus olhos, sentir como êle sente.

Marc Oraison, em seu livro "Amour ou contrainte" refere-se à evolução afetiva do adolescente, de modo admirável e diz:

"Seria necessário que os pais, procurando recordar a sua própria adolescência, soubessem que êles não podem fazer muita coisa, diretamente nessa fase. Muitas vêzes será preciso transferir (o encargo de orientar) a alguém, fora do meio familiar, professor, amigo, chefe de movimento de juventude, padre...

É preciso também que êles (os pais) saibam que é extremamente difícil respeitar a eclosão desta liberdade de adultos, pois êles não podem mais, como na infância, guiá-la e corrigi-la".

Quando não for possível remover a causa da inadaptabilidade na família, a chefe e o grupo devem procurar agir de modo a suprir, contrabalançar o que causa a perturbação do comportamento da menina.

Que a chefe evite atitudes "azêdas", rígidas, bem como desleixo. A menina precisa sentir firmeza por parte daqueles que a educam.

Quando ocorrer érro por parte da menina, procurar conhecer os motivos que levaram à falta. Assim a chefe estará procurando ser compreensiva e agir de acôrdo com a necessidade, esclarecendo com a pessoa as causas.

A autoridade justa e firme não pode ser cega porque deve considerar as tendências do caráter de cada um.

É preciso compreender bem que o educando tem direito a sonhar, divertir-se, enganar-se e fazer tolices.

Para terminar, gostaria de citar a frase de Saint Exupery, no Petit Prince: O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS. SÓ SE VÊ BEM COM O CORAÇÃO.

****
****
***
*

C I V I S M O

O civismo não é matéria que se ensine, mas que se vive. Deve ser progressivamente, desde cedo inculcado na criança.

São virtudes cívicas — o sentido do bem comum, a solidariedade consciente, a responsabilidade.

É pois, muito importante que a educação cívica seja iniciada na escola pré-primária e primária, pois nessa idade muitos hábitos e noções são assimilados para tôda vida. O ideal seria que já na primeira infância essa educação se iniciasse na própria família, daí a importância de uma campanha de esclarecimento público, mostrando o que se deve habituar a criança antes mesmo de começar a falar.

Do livro "L'Education Civique des Femmes" de H. Surgen, salienta-se: "As crianças devem e podem aprender e agir corretamente nos primeiros contatos que têm com seus pais e demais membros da família. É preciso um esfôrço real dos pais para apresentar às crianças um

ambiente familiar onde cada um tem o direito de expressar suas idéias e opiniões e onde participe nas decisões que se tomam, assim como assumir responsabilidades".

Apresentamos um pequeno plano que levará a criança a viver tôdas as fases da vida de cidadão, exercendo efetivamente os direitos e deveres que a ela comporta, cultivando assim as virtudes necessárias à vida em comum:-

Disciplina Pessoal — pontualidade, correção dos próprios trabalhos, sinceridade e lealdade para com os colegas.

Disciplina de Grupo — içamento da bandeira, atitude na classe, cortesia com os outros, receber o professor, trânsito no parque, obediência às leis e por quê.

Higiene de Grupo — manutenção da limpesa geral do prédio, uso dos banheiros e conservação do imóvel bem como mobiliário, material, etc.

Responsabilidades — eleições e cargos.

Finalidades do Plano:-

1) habituar a escolher
2) ter responsabilidade
3) exercer funções
4) trabalhar em conjunto

Cabe também nêste plano de civismo, explicação do que é "imposto", dando a finalidade de noção do bem comum e do zêlo pelas coisas públicas.

Baseado em publicação da Revista do Ensino pela Federação das Bandeirantes do Brasil.

Rosinha Scalabrini

****
***
*

QUE DAREMOS À NOSSA PÁTRIA ?

Que daremos à nossa Pátria ?
A ela, que nos dá o solo fértil,
o clima ameno, o campo fecundo
para a semeadura de frutos,
idéias e ideais.

Que daremos à nossa Pátria
A terra que nossos avós cavaram,
e nossos pais semearam, estará
enriquecida depois da nossa passagem?

Que daremos à nossa Pátria
A ela que tudo nos dá, dia após dia,
sem nada pedir, mas que espera em
silêncio, agradecida, o que de melhor
possamos lhe dar.

Que daremos à nossa Pátria?

Rosita de Jesus de Almeida
Ed. Musical — P. I. 25

****
*****
***
*

SEMANA DA PÁTRIA

Ao som das fanfarras e das bandas militares, dezenas e mais dezenas de crianças dos nossos Parques Infantis, Escolas Municipais e Centros da Juventude, desfilaram pelas ruas da Grande S. Paulo.

Abrindo todos os desfiles regionais, lá estavam elas, pequeninas e graciosas, sempre à frente, empunhando, garbosas e cheias de orgulho, símbolo da Pátria — A nossa Bandeira.

As ruas tingiram-se de verde e amarelo, as marchas cívicas, os hinos pátrios, enpolgava-nos.

O amor pela Pátria, transbordou de nossos corações, contagiando aqueles sêres em formação, que deixavam escapar de seus olhos brilhantes, o mais profundo entusiasmo!

Vibravam!... e nós educadores nos sentiamos gratos, por termos conseguido atingí-los, de maneira tão espontânea e sincera.

"Para frente Brasil!" "Ninguém segura êste País"! "Aqui aprende-se a amar a Pátria"!... e com êstes dísticos as crianças e os jovens iam passando...passando... e os pés batendo ao solo numa cadência viva e enérgica...

O colorido dos bonés, das congas e dos calções, das bandeiras e estandartes, das fitas e dos balões, formavam um conjunto alegre e feliz tal como se apresentavam seus corações.

Via-se claramente, a emoção e o entusiasmo que tomava conta de todos. Era o resnacer, o desabrochar de um espírito cívico, que estava adormecido.

Jamais vimos, em nossos tempos tal homenagem à Pátria!

Cada criança, cada jovem, ao passar por nós, dirigia-nos o olhar, dizendo, de cabeça bem erguida:-

— "Aqui estou. Sou brasileiro, amo a minha Pátria".

Senhores educadores, senhores professôres, eis o fruto das sementes que plantaram.

Orgulhem-se todos, pois, tão orgulhosa está a Secretaria de Educação e Cultura do Município de São Paulo, através do Secretário Paulo Zingg.

-o-o-o-o-
-o-o-

" D I A DA I M P R E N S A "

orando a passagem do "Dia da Imprensa", rea lizou-se uma festa no Parque Infantil "Cásper Líbero", com exposição de trabalhos realizados pelas educadoras com as crianças , alusivos à data, bem como à Unidade de Trabalho, "Dia da Árvore" e da "Mãe Preta".

Na ocasião foi entrevistado por um grupo de par queanos o Sr. Secretário de Educação do Município, Dr. Paulo Zingg, que recebeu das crianças o primeiro número de "O Peninha", jornal zinho feito mensalmente na Unidade.

Presentes à festa a Sra. Diretora de Ed. Dª. Hor tencia Cunha, o Sr. Diretor do D.A.I.M., Dr. Alexandre Fioni, di rigentes de Parques Infantis, Diretor da E.M. Infante D. Henrique, membros da "Associação Comunitária do Canindé", diretores do Lions Club Pari e pais de crianças que frequentam êste Parque In fantil.

-O-O-O-O-O-

-O-O-O-

-O-

ENCERRAMENTO DE CURSOS

Realizou-se dia 16/9, às 10:00 horas, com grande brilho o encerramento do I Curso Para Educadores Recreacionistas, no Centro de Pesquisas Regionais Prof. Queiroz Filho, da Cidade Universitária.

Estiveram presentes o Exmo. Sr. Secretário de Educação e Cultura, Dr. Paulo Zingg, a Exma. Sra. Diretora do Departamento, Da. Hortencia Cunha, a educadora recreacionista, Maria de Lourdes F. Pedroso, Assistente Técnico de ED., o Dr. Chicralla Aidar, Diretor do Centro de Pesquisas, a Dra. Maria da Penha Villalobos, Coordenadora Geral do Curso. Compareceram também as sras. professôras e monitoras do curso, as dirigentes dos Parques Infantis e demais colegas.

Saudaram os presentes o Exmo. Sr. Secretário de Educação, o Diretor do CRPE e a Assistente Técnico em nome do Departamento e a sra. Coordenadora do Curso.

Em nome das educadoras falou a educ. Da. Ruth Pinheiro Valery, que dirigiu vibrantes palavras.

Finalizou a solenidade com excelente coquetel oferecido pelas educadoras.

* * * * * * * * * *
* * * * *
* * *
*

H O M E N A G E M DE D E S P E D I D A

Realizou-se no dia 15 de setembro, no Parque Infantil Ibirapuera, uma reunião de congratulação pela aposentadoria compulsória do Sr. Paschoal Mathias, jardineiro há 22 e 10 meses nessa Unidade, que após tanta dedicação e carinho recebeu seu justo prêmio.

A reunião contou com a presença da Sra. Diretora do Departamento de Educação e Recreio, Da. Hortencia Maria C. da Silva Cunha, Sr. Chefe de Clínica Médica Geral do Departamento de Assistência Escolar, Dr. Alberto de Mello Balthazar, Sr. Coordenador da Clínica Odontológica do Departamento de Assistência Escolar, Dr. Maury de Abreu, Sra. Responsável pelo Grupo de Trabalho, Manutenção e Expansão dos Parques Infantis, Educadora Recreacionista Blanche Cury Rahal, Sra. Escriturária de ED., Da. Gessy P. Brissac, Sras. Educadoras Recreacionistas Julieta Saretti e Nice Ferreira Costa, todos ex-funcionários do Parque Infantil Ibirapuera.

Além das pessoas citadas estiveram presentes: como - representante do Setor Agrícola de E.A., Sra. Educadora Recreacionista Elza Maria Barbosa, representando a Associação Feminina do Paraíso e Grupo "Anhembi" (Bandeirantes), Sra. Maria Ricarda Reimão Lacerda, Sras. Mães, Educadoras, Funcionárias e Educandos da Unidade.

****
*****
***
*

ANIVERSARIANTES DE OUTUBRO

Dia 1 - Helena Aparecida C. Landucci - Dirigente - P.I. 59

Dia 3 - Maria de Lourdes Rosemburg - Dirigente - P.I. 17

Dia 4 - Maria Aparecida S. Burza - Dirigente P.I. 30

Dia 4 - Maria Aparecida P. Murilla - Dirigente - P.I. 73

Dia 5 - Marina Batelli - Dirigente - P.I. 53

Dia 6 - Marlene S. B. Vasques - Dirigente - P.I. 90

Dia 6 - Myriam Casella - Dirigente - P.I. 106

Dia 7 - Maria A. Cabral C.F. Santos - Dirigente - P.I. 7

Dia 10 - Rachel Andrade Silva - Dirigente - P.I. 80

Dia 12 - Inah Bastos Peroba - Dirigente - P.I. 54

Dia 18 - Elizabeth de Jesus Almeida Silva - Dirigente - P.I.20

Dia 20 - Luci de Almeida Neri Ferreira - Dirigente - P.I. 46

Dia 22 - Carmo de Mello M. Schemy - Dirigente - P.I. 103

Dia 29 - Geny Rondinelli Montoro - Dirigente - P.I. 13

Dia 30 - Jovina Rulli - Dirigente - P.I. 29

****
*****
***
*

M. 162/70 - Expediente de ED 101.